



Allen Ginsberg

tradução de Rafael Lemos



gueto editorial

Allen Ginsberg

Tradução de Rafael Lemos



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Allen Ginsberg, 2018**

Tradução de Rafael Lemos

Traduções | Livro 5

Selo Gueto Editorial ® 2018

Organização, edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Organização, edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

poesia
0

Who Will Take Over the Universe?

*A bitter cold winter night
conspirators at cafe tables
 discussing mystic jails
The Revolution in America
 already begun not bombs but sit
 down strikes on top submarines
 on sidewalks nearby City Hall —
How many families control the States?
 Ignore the Government,
 send your protest to Clint Murchison.
The Indians won their case with Judge McFate
 Peyote safe in Arizona —
 In my room the sick junky
 shivers on the 7th day
 Tearful, reborn to the Winter.
Che Guevara has a big cock
 Castro's balls are pink —
The Ghost of John F. Dulles hangs
 over America like dirty linen
 draped over the wintry red sunset,
Fumes of Unconscious Gas
 emanate from his corpse
 & hypnotize the Egyptian intellectuals —
He grinds his teeth in horror & crosses his
 thigh bones over his skull
 Dust flows out of his asshole*

his hands are full of bacteria
The worm is at his eye —
He's declaring counterrevolutions in the Worm-world,
my cat threw him up last
Thursday.
& Forrestal flew out his window like an Eagle —
America's spending money to overthrow the Man.
Who are the rulers of the earth?

New York, January 6, 1961.

Quem Dominará O Universo?

Uma amarga fria noite de inverno
conspiradores nas mesas do café
discutindo prisões místicas

A Revolução na América

já começou não bombas, mas greves
assentamentos no topo de submarinos
em calçadas próximas à Prefeitura —

Quantas famílias controlam os Estados?

Ignorem o Governo,
enviem seu protesto para Clint Murchison.

Os Índios venceram a causa com o Juiz McFate

Peiote seguro no Arizona —

Em meu quarto um junky enjoado
treme no 7º dia

Choroso, renascido ao Inverno

Che Guevara tem pau grande

as bolas de Castro são rosa —

O Fantasma de John F. Dulles paira

sobre a América feito linho sujo

posto sobre o rubro ocaso invernal,

Fumos de Gás Inconsciente

emanam de seu cadáver

& hipnotizam os intelectuais Egípcios —

Ele range os dentes em horror & cruza seus

fêmures sobre o crânio

Sopra poeira de seu cu

suas mãos estão cheias de bactéria

O verme está em seu olho —
Ele está declarando contrarrevoluções no Mundo-verme,
meu gato vomitou-o na última

Quinta.

& Forrestal voou de sua janela feito uma Águia —
América está gastando dinheiro para destituir o Homem
Quem são os dominadores da terra?

New York, 6 de janeiro de 1961.

Death News

Visit to W.C. W. circa 1957, poets Kerouac Corso Orlovsky on sofa in living room inquired wise words, stricken Williams pointed thru window curtained on Main Street: “There’s a lot of bastards out there!”

*Walking at night on asphalt campus
road by the German Instructor with Glasses
W. C. Williams is dead he said in accent
under the trees in Benares; I stopped and asked
Williams is Dead? Enthusiastic and wide-eyed
under the Big Dipper. Stood on the Porch
of the International House Annex bungalow
insects buzzing round the electric light
reading the Medical obituary in Time.
“out among the sparrows behind the shutters”
Williams is in the Big Dipper. He isn’t dead
as the many pages of words arranged thrill
with his intonations the mouths of meek kids
becoming subtle even in Bengal. Thus
there’s a life moving out of his pages; Blake
also “alive” thru his experienced machines.
Were his last words anything Black out there
in the carpeted bedroom of the gabled wood house
in Rutherford? Wonder what he said,
or was there anything left in realms of speech
after the stroke & brain-thrill doom entered
his thoughts? If I pray to his soul in Bardo Thodol
he may hear the unexpected vibration of foreign mercy.
Quietly unknown for three weeks; now I saw Passaic
and Ganges one, consenting his devotion,
because he walked on the steely bank & prayed
to a Goddess in the river, that he only invented,*

*another Ganga-Ma. Riding on the old
rusty Holland submarine on the ground floor
Paterson Museum instead of a celestial crocodile.
Mourn O Ye Angels of the Left Wing! that the poet
of the streets is a skeleton under the pavement now
and there's no other old soul so kind and meek
and feminine jawed and him-eyed can see you
What you wanted to be among the bastards out there.*

Benares, March 20, 1963.

Notícia de morte

Visita a W.C.W. *circa* 1957, os poetas Kerouac Corso Orlovsky no sofá do *living room* indagavam palavra sábias, William enfermo apontou pela janela acortinada da *Main Street*, “Há muitos bastardos lá fora!”.

Andando de noite na estrada de asfalto
do campus ao lado do Instrutor Alemão com Óculos
W. C. Williams está morto disse ele com sotaque
sob as árvores em Benares; Eu parei perguntei
Williams está morto? Entusiástico e de olhos abertos
sob a Big Dipper. Parado no Pórtico
do bangalô Anexo da International House
insetos zumbindo em volta da luz elétrica
lendo o obituário Médico no *Time*.
“out among the sparrows behind the shutters”
Williams está na Big Dipper. Ele não está morto
pois as muitas páginas de palavras emoção em arranjo
com suas entonações fremem as bocas de crianças humildes
tornam-se sutis mesmo em Bengala. Assim
há uma vida movendo-se para fora de suas páginas; Blake
também “vivo” através de suas experienciadas máquinas.
Foram suas últimas palavras qualquer coisa de Negro lá fora
no quarto acarpetado da casa de madeira
em Rutherford? Me pergunto o que ele disse,
ou teria qualquer coisa restado nos reinos do discurso
após o ataque & a freme-cérebro ruína entrarem
em seus pensamentos? Se eu rezar por sua alma no Bardo Thodol
ele poderá ouvir a inesperada vibração de estrangeira piedade.

Quietamente desconhecido por três semanas; agora eu vi Passaic
e Ganges, um, consentindo sua devoção,
porque ele percorreu a margem de aço & rezou
para uma Deusa no rio, que ele somente inventou,
uma outra Ganga-Ma. Montando no velho
ferruginoso submarino Holland no andar térreo
do Paterson Museum ao invés de um crocodilo celestial.
Lamentai, Ó Vós, Anjos da Esquerda! que o poeta
das ruas agora é um esqueleto sob o pavimento
e não há outra velha alma tão doce e humilde
e queixo feminino e ele-olhos pode ver vocês
O que vocês queriam estar entre os bastardos lá fora.

Benares, 20 de março de 1963.

Patna-Benares Express

*Whatever it may be whoever it may be
The bloody man all singing all just
However he die
He rode on railroad cars
He woke at dawn, in the white light of a new universe
He couldn't do any different
He the skeleton with eyes
raised himself up from a wooden bench
felt different looking at the fields and palm trees
no money in the bank of dust
no nation but inexpressible gray clouds before sunrise
lost his identity cards in his wallet
in the bald rickshaw by the Maidan in dry Patna
Later stared hopeless waking from drunken sleep
dry mouthed in the RR Station
among sleeping shoeshine men in loincloth on the dirty concrete
Too many bodies thronging these cities now*

Benares, May 1, 1963.

Patna-Benares Express

O que quer que seja quem quer que seja
O homem sanguíneo todo cantante todo justo
Como quer que ele morra
Ele viajou em vagões de trem
Ele acordou à alba, na luz branca de um novo universo
Ele não poderia fazer diferente
Ele o esqueleto com olhos
levantou-se de um banco de madeira
sentiu-se diferente olhando os campos e palmeiras
sem dinheiro no banco de pó
sem nação além de inexpressivas nuvens cinza antes da aurora
perdeu sua identidade cartões em sua carteira
no riquixá careca próximo ao Maidan na seca Patna
Mais tarde olhou sem esperança levantando de um sono bêbado
boca seca na RR Station
entre engraxates adormecidos de tanga no concreto sujo
Corpos demais lotando estas cidades agora

Benares, 1 de maio de 1963.

Sunset S.S. Azemour

*As orange dusk-light falls on an old idea
I gaze thru my hand on the page
sensing outward the intercoiled weird being I am in
and seek a head of that — Seraphim
advance in lightning flash through aether storm
Messengers arrive horned bearded from Magnetic spheres
disappearing radios receive aged galaxies
Immensity wheels mirrored in every direction
Announcement swift from Invisible to Invisible
Eternity-dragon's tail lost to the eye
Strange death, forgotten births, voices calling in the past
"I was" that greets "I am" that writes now "I will be"
Armies marching over and over the old battlefield —
What powers sit in their domed tents and decree Eternal Victory?
I sit at my desk and scribe the endless message from myself to my own hand*

Marseilles-Tanger, 1961.

Crepúsculo “S.S. Azemour”

Enquanto a laranja luz-do-ocaso cai numa velha ideia
Eu atravesso minha mão na página
sentindo por fora o confuso estranho ser que Eu sou por dentro
E procuro uma cabeça disto — Seraphim
avanço em flash lampejo através da tempestade de éter
Mensageiros chegam chifrudos barbados da esfera Magnética
Rádios que desaparecem recebem galáxias anciãs
Rodas da imensidão espelhadas em cada direção
Anúncio passando de Invisível para Invisível
A cauda do dragão-Eternidade perdida pelo olho
Morte estranha, nascimentos esquecidos, vozes chamando no passado
“Eu era” que saúda “Eu sou” que escreve agora “Eu serei”
Exércitos marcham sempre e sempre no velho campo de batalha —
Que poderes sentam em suas tendas redondas e decretam a Eterna Vitória?
Eu sento em minha mesa e escrevo a mensagem sem-fim de mim mesmo para minha
própria mão.

Marselha-Tanger, 1961.

Guru

*It is the moon that disappears
It is the stars that hide, not I
It's the City that vanishes, I stay
with my forgotten shoes,
my invisible stocking
It is the call of a bell*

Primrose Hill. May, 1965.

Guru

A lua é que desaparece
E as estrelas que se escondem, não Eu
É a Cidade que esvai, Eu fico
calçados esquecidos,
de calções invisíveis
O som um sino que chama

Primrose Hill. Maio, 1965.

Allen Ginsberg (1926 - 1997) nasceu em Newark, New Jersey. Defensor das liberdades individuais, Ginsberg foi militante fervoroso contra a guerra do Vietnã, a guerra às drogas, a repressão sexual, o militarismo e o capitalismo, mostrando-se favorável a toda espécie de protesto não-violento até seus últimos anos de vida. As discussões de nosso horizonte micropolítico hoje tornam a leitura de uma poesia como a de Allen Ginsberg extremamente relevante.

Rafael Lemos nasceu em 1989, no Rio de Janeiro. Autor dos livros *Uma Botânica do Caos* (Scortecci, 2011) e *prim()verso* (MusAbsurda, no prelo), se interessa por arte intermedia. Atualmente é doutorando em Espanhol e Português pela Yale University. Tem mestrado em Artes Visuais pela UNESP e em Música pela UFRJ; é graduado em Filosofia pela UniRio. Publica ocasionalmente no blog [leve — laboratório de eventos e experiências poéticas](#) e na revista *Biblioo*.

Sobre a tradução

Os poemas de Allen Ginsberg que se encontram traduzidos nesta edição foram extraídos de *Planet News 1961-1967* (San Francisco: City Lights Books, 1996).



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo